



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-PORTUGUÊS**

ANDRÉIA FERNANDES DE LIMA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA REDE SOCIAL INSTAGRAM

**GUARABIRA
2024**

ANDRÉIA FERNANDES DE LIMA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA REDE SOCIAL INSTAGRAM

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso Letras Português
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Graduada em Letras.

Área de concentração: Prática Social da
Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Anilda Costa Alves

**GUARABIRA
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732p Lima, Andreia Fernandes de.
Preconceito linguístico na Rede Social Instagram
[manuscrito] / Andreia Fernandes de Lima. - 2024.
30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Anilda Costa Alves, Coordenação
do Curso de Letras - CH."

1. Variação. 2. Instagram. 3. Preconceito Linguístico. 4.
Comentários. I. Título

21. ed. CDD 410

ANDRÉIA FERNANDES DE LIMA

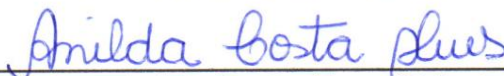
PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA REDE SOCIAL INSTAGRAM

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso Letras Português
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Graduada em Letras.

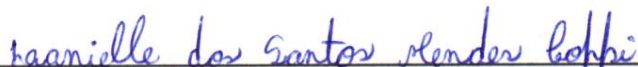
Área de concentração: Prática Social da
Linguagem.

Aprovada em: 23/05/2024.

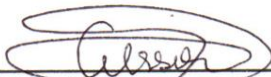
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Anilda Costa Alves (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi (Examinadora)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



Prof. Me. André Luiz Souza da Silva (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A minha avó (*in Memoriam*), ao meu avô, e aos meus pais as pessoas mais importantes da minha vida, pela dedicação e por serem meu porto seguro as pessoas mais importantes da minha vida, DEDICO.

“O mito e a realidade;
O errado e o diferente;
O eu e o outro.”
(Marcos Bagno 2015)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem do Perfil da Página 1	17
Figura 2 - Imagem do Perfil da Página 2	18
Figura 3 - Imagem da Postagem da Página 1	18
Figura 4 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 1	19
Figura 5 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 1	20
Figura 6 - Imagem da Postagem da Página 1	20
Figura 7 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 1	21
Figura 8 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 1	22
Figura 9 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 1	22
Figura 10 - Imagem da Postagem da Página 2	23
Figura 11 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 2	23
Figura 12 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 2	24
Figura 13 - Imagem da Postagem da Página 2	24
Figura 14 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 2	25
Figura 15 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 2	25
Figura 16 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 2	26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 As concepções de Linguagem.....	9
2.2 Variação Linguística	11
2.3 Preconceito Linguístico no Ambiente Virtual.....	14
3 METODOLOGIA	16
3.1 Coleta de Dados.....	17
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA REDE SOCIAL INSTAGRAM

Andréia Fernandes de Lima¹

Este trabalho tem como finalidade analisar comentários de postagens feitas pelos usuários do aplicativo *Instagram*, a fim de verificar marcas de preconceito linguístico presentes nesse ambiente virtual. Para tanto, foram analisadas quatro postagens retiradas da referida rede social. Nessa direção, serão utilizados os estudos relacionados a uma concepção de língua à luz da Sociolinguística. Além disso, mostram que a língua não é “única”, e que também tem como foco a relação entre língua e sociedade. Embasamo-nos, neste trabalho, ainda, sobre a cultura digital, em que grande parte das pessoas escreve e fala de uma maneira mais coloquial, utilizando o “*Internetês*”, que é uma linguagem reduzida e mostra mais rapidez na hora de digitar uma mensagem. Dessa forma, utilizamos alguns autores que fundamentam esta pesquisa, como Travaglia (2006) que irá tratar sobre as concepções de linguagem, Bagno (2015) aborda sobre o preconceito linguístico e os mitos, Coelho *et al.* (2023) na perspectiva da variação e os estudos sociolinguísticos, e entre outros. Em relação à natureza da pesquisa, é elencada uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo. Por fim, a análise de dados e discussão dos resultados mostrou marcas de preconceito linguístico presentes nos comentários que os usuários da rede social *Instagram* fizeram, contendo ironia e ridicularização sobre as escritas usadas em determinadas postagens.

Palavras-Chave: variação; *instagram*; preconceito linguístico; comentários.

ABSTRACT

This work aims to analyze comments on posts made by users of the Instagram application, in order to verify signs of linguistic prejudice present in this virtual environment. To this end, four posts taken from the aforementioned social network were analyzed. In this direction, studies related to a conception of language in the light of Sociolinguistics will be used. Furthermore, they show that language is not “unique”, and that it also focuses on the relationship between language and society. In this work, we also base ourselves on digital culture, in which most people write and speak in a more colloquial way, using “*Internetês*”, which is a reduced language and is faster when typing. a message. In this way, we used some authors who support this research, such as Travaglia (2006) who will deal with conceptions of language, Bagno (2015) addresses linguistic prejudice and myths, Coelho *et al.* (2023) from the perspective of variation and sociolinguistic studies, among others. Regarding the nature of the research, a qualitative, descriptive approach is listed. Finally, the data analysis and discussion of the results showed signs of linguistic prejudice present in the comments that users of the social network Instagram made, containing irony and ridicule about the writing used in certain posts.

Keywords: variation; Instagram; linguistic prejudice; comments.

¹ Graduanda em Letras-Português, pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, sob a orientação da Professora Dra. Anilda Costa Alves. E-mail: andreia234fernandes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar comentários de postagens feitas pelos usuários do aplicativo *Instagram*, a fim de verificar marcas de preconceito linguístico presentes nesse ambiente virtual. Esta pesquisa se insere na área da Sociolinguística, que tem como foco de análise a relação entre língua e sociedade. Dessa forma, busca-se observar a variação linguística e a postura dos indivíduos acerca dos diferentes usos linguísticos em postagens realizadas no referido aplicativo.

Nesse sentido, a forma como os indivíduos julgam determinados usos linguísticos relaciona-se à concepção que eles têm acerca da língua. O estabelecimento de falar/escrever certo e errado, na maioria das vezes, é avaliado fora do contexto real do uso, tomando como base somente os aspectos da gramática tradicional. Dentro desse contexto, o *Instagram* é constituído por um público bastante heterogêneo, levando em consideração o aspecto geográfico, visto que existem pessoas de várias localidades e estados, cada indivíduo com sua cultura e hábitos, bem como por um público diastrático², que está relacionado à variação linguística que existe nas classes sociais, visto que nem todos os indivíduos são capazes de acessar níveis de escolaridade mais avançados.

Ademais, por ser uma rede de fácil acesso, há muitas funções, tais como compartilhar fotos, vídeos, usar filtros digitais ou até mesmo utilizar o *direct* para bate-papo, assim, por sua dinamicidade, é uma rede bastante utilizada. Com esse público variado de indivíduos acessando o mesmo espaço virtual, há o favorecimento da disseminação do preconceito linguístico, principalmente em comentários de diversas postagens, em que na escrita acontecem desvios em decorrência da ausência de conhecimentos linguísticos prescritivos, servindo de gatilhos para uma série de desconfortos que os indivíduos da classe social estigmatizada sofrem, em decorrência da desigualdade social muito presente no Brasil.

Perante o exposto, esse trabalho tem como objetivo geral analisar a disseminação do preconceito linguístico na rede social *Instagram*. Como objetivos específicos, buscamos: (i) localizar vestígios de preconceito linguístico nos comentários do *Instagram*; (ii) discutir o que pode estar motivando o preconceito linguístico evidenciado nas postagens e (iii) relacionar o preconceito linguístico apresentado nas postagens com as concepções linguísticas.

O preconceito linguístico é muito recorrente na sociedade, fruto de desigualdades sociais que pouco são discutidas pelas mídias, sendo que outros tipos de preconceito, tais como relacionados a padrões de beleza e orientação sexual são amplamente divulgados, ainda que se enfrente diversos problemas em torno desses termos. O preconceito linguístico é uma realidade atual. Assim, os indivíduos que não têm apropriação da gramática tradicional tendem a ser excluídos socialmente. É importante levar em consideração que não existe uma forma certa ou errada de falar e sim uma maneira adequada ou inadequada, de acordo com o contexto em que a pessoa se insere.

Além disso, é considerável, chamar atenção para a variação regional, que também é conhecida como geográfica ou diatópica. Ao considerar que existem diversas formas de falar, às vezes, a mídia foca muito no falar nordestino,

² São as variedades linguísticas que não dependem da região em que o falante vive, mas, sim, dos grupos sociais em que ele se insere, ou seja, das pessoas com quem ele convive.

apresentando-o de uma forma muito forçada, estereotipada. De maneira geral, os nordestinos não falam da forma como são idealizadas em produções fictícias, como novelas, filmes e séries, e isso acaba favorecendo a disseminação do preconceito. Assim, ao observar o contexto da rede social *Instagram*, de uma maneira mais objetiva, em determinados comentários realizados em algumas postagens, é notório que eles apontam para a ridicularização de quem escreve divergente dos padrões da gramática tradicional. Diante disso, surgiu o interesse de pesquisar sobre o preconceito linguístico na referida rede social, um assunto que não é amplamente discutido nesse ambiente virtual, com o intuito de evidenciar tais práticas negativas no que tange aos usos da língua.

Esta pesquisa tem como fundamentação teórica os trabalhos desenvolvidos por Travaglia (2006) que irá tratar sobre as concepções de linguagem, Bagno (2015) aborda sobre o preconceito linguístico e os mitos, Coelho *et al.* (2023) na perspectiva da variação e os estudos sociolinguísticos, e entre outros. No que tange à metodologia, a pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo em torno das postagens analisadas no *instagram*.

A presente pesquisa está organizada em 5 (cinco) seções. A primeira é a seção introdutória, onde se destaca o problema, a justificativa e os objetivos apontados para a pesquisa. Na seção dois, iremos apontar o referencial teórico que abrange as concepções de linguagem, variação linguística e o preconceito linguístico no ambiente virtual. Logo depois, na terceira seção, são expostos os procedimentos metodológicos do trabalho. E, em seguida, na seção quatro, serão analisados os dados da pesquisa, que consiste em recortes de comentários no *Instagram*. Por fim, na última seção, apresentaremos as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, concentra-se a apresentação dos referenciais teóricos que norteiam as etapas desta pesquisa. Nesse sentido, abordam-se alguns pontos como as concepções de linguagem, a variação linguística, preconceito linguístico e a cultura digital.

2.1 As concepções de linguagem

A primeira concepção é a linguagem como expressão de pensamento, que quer dizer que se o indivíduo não sabe expressar-se bem, conseqüentemente não sabe pensar. Essa concepção é mais focada no eu, pois a interação é algo individual, mas exige regras da gramática normativa que é caracterizada segundo Franchi (2006, p.22) como um “sistema de noções, descrições estruturadas e de regras que permitam falar da língua, descrevê-la, dizer como ela funciona no processo comunicativo e mostrar como é que se fala e se escreve na língua”.

Assim, de acordo com Travaglia (2000, p.22) a forma como o texto é construído “não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando) para que se fala”. Em suma, vai depender de como o interlocutor é considerado, em qual situação social ele está inserido, para que possa se comunicar.

Dessa forma, é importante salientar que o ensino vai priorizar a gramática tradicional, que está relacionada a um conjunto de regras que são elaboradas para que o indivíduo fale ou escreva de uma maneira correta, considerando as prescrições estabelecidas na norma padrão. Sendo assim, Silva (2009, p.72) vem

dizer que “o indivíduo deve respeitar as normas que são ditadas por essa gramática, a fim de que possa ser reconhecido socialmente como um bom falante ou um bom escritor nessa língua”, ou seja, se não seguir essas regras que são estabelecidas por essa gramática, independente do contexto comunicativo, está cometendo erro. Muitas vezes a aula de língua é restrita à exposição de regras gramaticais normativas.

Deste modo, o professor que pauta a linguagem como expressão de pensamento irá focar apenas na gramática prescritiva, uma vez que esse saber é extremamente necessário para o processo de ensino/aprendizagem. Dessa forma, Travaglia vem reforçar no que tange ao ensino de linguagem a seguinte afirmação:

As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual, e da capacidade de o homem organizar de maneira lógica seu pensamento dependerá a exteriorização desse pensamento por meio de uma linguagem articulada e organizada. (Travaglia, 2006, p.21)

Então, para Silva (2009, p.70) “essa é a concepção de linguagem que direciona os estudos tradicionais de língua portuguesa, marcado por um reforço nas questões meramente gramatigueiras”.

Por isso, essa concepção de linguagem dialoga mais com o ensino tradicional da língua, não contemplando a variação linguística, porque para essa concepção a variação é considerada como erro.

A segunda concepção é a língua como instrumento de comunicação, quando tem a presença de interlocutores, que se estabelece entre um receptor e um emissor. Assim, a língua vai ser entendida como código,

[s]eguindo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Esse código deve, portanto, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada. Como o uso do código que é a língua é um ato social, envolvendo consequentemente pelo menos duas pessoas, é necessário que o código seja utilizado de maneira semelhante, preestabelecida, convencionada para que a comunicação aconteça. (Travaglia, 2009, p. 22)

Nesse sentido, essa concepção tem como função o processo de codificação e decodificação das mensagens. Nessa perspectiva, de acordo com Córdova (2008, p. 04), “não considera a situação de comunicação como os interlocutores”, ela vem apontar a importância da leitura e da escrita na escola, onde a leitura seria a decodificação e a escrita a codificação. Portanto, o ensino de língua portuguesa, pauta-se no ensino da gramática, o que, segundo Silva,

[t]rata-se, então, de uma visão monológica e imanente da língua, que a estuda segundo uma perspectiva formalista - que limita esse estudo ao funcionamento interno da língua - e que separa do homem no seu contexto social. (Silva 2009, p.70)

Embora essa concepção já tenha um avanço em relação à primeira, pois é levado em consideração o outro no processo de comunicação, ainda continuam sendo desconsideradas as situações contextuais e a variação linguística, sendo apenas considerada no escopo teórico.

Por último, a terceira concepção, que é a linguagem como forma de interação, vai considerar as situações sociais e comunicativas. Diferente das outras

concepções, Travaglia (2006, p.23) vem mostrar que a interação acontece através da “produção de sentido entre interlocutores, em uma comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico”, está preocupado com o ensino da língua de acordo com os dias atuais. Essa concepção é mais ampla do que as outras, pois ela é vista como uma interação, através de informações que são passadas entre receptor e falante. Assim, o ser humano vai ser visto como alguém que constrói e produz sentidos.

Nesse sentido, essa concepção não será vista apenas para se comunicar, mas também para agir, havendo a interação entre interlocutor e emissor. A fim de reiterar tal afirmação, Travaglia destaca que

[a] linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma das situações de comunicação e em um contexto sócio histórico e ideológico. Os usuários da língua ou “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais. (Travaglia, 2009, p. 23)

Nessa concepção, o foco está na gramática internalizada³, a qual o falante irá utilizar de acordo com o contexto e não impor o uso unificado da língua independente do contexto. Diante disso, é importante o aluno aprender a norma padrão para se comunicar em situações formais e mais específicas.

Neste aspecto, Silva vem salientar que

[a] gramática representa o próprio falante, as regras foram internalizadas por meio do contato com outros falantes a que teve acesso em seu processo de aquisição de linguagem, saber uma gramática não está vinculado à escolarização, mas a ideia de um amadurecimento do indivíduo em relação ao reconhecimento das possibilidades de uso de sua língua. (Silva, 2009, p.74)

Nessa perspectiva, o processo de aquisição de linguagem vai além da decodificação e codificação da gramática tradicional, na qual o falante vai dominar a sua própria língua, podendo interagir em diversas situações sociais e não ser compreendido como uma máquina que apenas reproduz. O acesso à gramática tradicional na escola mostra-se como um conteúdo relevante, mas é preciso repensar a maneira como tal conteúdo deve ser compartilhado, não sendo necessário ignorar/ridicularizar a variação, e, por conseguinte, o indivíduo que dela faz uso, visto que tal fenômeno é inerente à língua.

É evidente que em relação às outras duas concepções, essa é mais abrangente, contemplando assim, a variação linguística e isso acontece por definir a língua como processo de interação, como também por levar em consideração os fatores dos indivíduos como a sua linguagem internalizada, a sua região, o seu grau de escolaridade etc. A seguir, trataremos sobre a variação linguística, especificamente.

2.2 Variação Linguística

³ A gramática internalizada, de maneira geral, faz referência ao conhecimento natural que todos os indivíduos possuem sobre as regras de sua língua.

A Sociolinguística Variacionista surgiu nos Estados Unidos, tendo como um de seus precursores o linguista estadunidense William Labov. A Sociolinguística tem interesse na variação linguística, que apresenta relação com a região, o local e o meio social em que o indivíduo vive. Para Coelho *et al.* (2023, p. 16), “a variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer em um mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”, isso vem dizer que dentro do sistema linguístico há diversas formas de usos em uma mesma língua.

A língua passa por etapas de transformação. A forma de comunicar entre os falantes está em constante variação e sem haver impedimentos comunicativos. Dessa forma, é importante entender o contexto, no qual as pessoas estão utilizando a língua. Sendo assim, Coelho *et al.* (2023, p.11) dizem que é “necessário, por exemplo, abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta, acabada, que não é suscetível a variar e mudar”. Assim, é importante observar os fatores que favorecem a variação linguística e entender a realidade das pessoas que usam a língua. Deste modo, a variação pode estar atrelada a vários aspectos, sendo eles através de caráter regional, social, e estilística, podendo, ainda, ocorrer separadamente.

No que tange à oralidade, há uma diversidade na forma de se comunicar. Muitas vezes os processos de variação linguística presentes na oralidade são caracterizados como erros. É importante salientar que a língua é heterogênea. Acerca disso, Bagno (2015, p.27) vem dizer que “[t]oda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.)”. Logo, na Sociolinguística, a língua se adapta de acordo com a realidade contextual e a necessidade do falante, isso em conferência com as possibilidades linguísticas.

Dessa forma, alguns fenômenos de variação estão mais suscetíveis a sofrerem preconceito linguístico por estarem associados a grupos sociais de menor prestígio, como nordestino e indivíduos pouco escolarizados. Nesse sentido, a variação acontece também de acordo com a relação histórica, social e situacional de cada indivíduo.

Então, pelo fato de a língua estar sempre em transformação, Coelho *et al.* (2023 p.13) abordam que “a língua é usada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável e dinâmico”. Como exemplo sobre a relação histórica, há algumas mudanças linguísticas no pronome de tratamento “você”, que na antiguidade era chamado de “vossa mercê”, passou para “vosmecê” e, atualmente, utilizamos “você”, “ocê” e “vc”.

Ademais, a variação regional, diatópica ou geográfica é “a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala. Através da língua é possível saber se o falante é gaúcho, mineiro ou baiano”, (Coelho *et al.*, 2023 p.38). Assim sendo, no Brasil, existem muitas palavras produzidas de forma diferente em regiões distintas, mas que possuem o mesmo significado. Por exemplo, “mexerica”, “laranja-cravo” e “bergamota” são palavras ditas em diferentes regiões, mas que possuem o mesmo sentido. Também, as gírias que variam de região para região, e os sotaques que são conhecidos como variação fonética. Nessa direção, mesmo compartilhando o mesmo espaço geográfico, cada comunidade de indivíduos tem sua marca linguística. Portanto, a maneira de falar acaba fornecendo pistas de onde os indivíduos se originam (espaço

geográfico), bem como de suas características, tais como idade, sexo/gênero⁴, profissão e grau de escolaridade.

A variação social ou diastrática, “que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes”, assim como defende Coelho *et al.* (2023, p.40). Nesse tipo de variação, estão relacionados os fatores como grau de escolaridade, ou seja, indivíduos com maior acesso à cultura letrada, assim ele terá a oportunidade, quando necessário, de utilizar o registro da língua mais formal. Assim também, tem o nível socioeconômico, no qual o grupo social é menos privilegiado e favorece o uso das variantes de menor prestígio. Quanto à variação relacionada ao sexo/gênero, as mulheres são mais cuidadosas na forma de se comunicar, mostrando ser mais conservadoras da norma padrão que adquirem na escola. Além disso, tem a faixa etária que deve levar em consideração o indivíduo e sua comunidade e o papel do fator geracional, atualmente, é bastante marcado pelas novas tecnologias.

Por último, a variação estilística ou diafásica que é “resultante dos diferentes papéis que desempenhamos nas diferentes situações comunicativas” (Coelho *et al.* 2023, p.46), em que vai estar relacionado aos domínios sociais os quais encaminham para interação comunicativa, como escola, igreja ou trabalho. Dessa forma, essa comunicação será adequada para a ocasião, levando em consideração o contexto em que está acontecendo, visto que os interlocutores levarão em conta que no ambiente formal o indivíduo tende a monitorar mais a sua fala, diferente das situações informais, onde é utilizada a fala coloquial. Diante disso, Coelho *et al.* salienta que:

[a]pesar da classificação entre registro formal e informal, normalmente nossa fala não apresenta somente esses dois extremos. É mais apropriado pensarmos que existe um *Continuum* que perpassa situações de maior ou menor formalidade, corresponde a registros mais ou menos formais, entre esses dois polos. Eventualmente, falantes vão apresentar uma escala maior ou menor de possibilidades de registros dependendo do seu desempenho linguístico. (Coelho *et al.* 2023, p.47)

Assim, fica claro que a variação atua como um fenômeno legítimo, mesmo não sendo reconhecida, de forma geral, pelos usuários, além de ser uma temática pouco discutida em contextos mais amplos. Acerca disso, Lima vem afirmar que

[a]s relações sociais fazem com que as variantes linguísticas sejam denominadas como variantes de estigma ou variantes de prestígio, de acordo com os falantes que as utilizam (...) Dessa maneira, os valores das variantes linguísticas são atribuídos socialmente, de acordo com o patamar ao qual pertence cada falante, mais precisamente, quanto maior for a escala socioeconômica e o grau de escolarização dos falantes, maior será o prestígio das variantes linguísticas usadas por eles. (Lima, 2019, p.30)

À vista disso, compreende-se que, quando um indivíduo ridiculariza outro pela forma de falar, está cometendo o preconceito linguístico. Se a mensagem foi

⁴ Com base nos estudos da pós-modernidade, a variável “sexo”, no contexto dos estudos variacionistas, passou a considerar o fator “gênero”, compreendendo que gênero é uma performance social e cultural em que homens e mulheres agem conforme parâmetros estabelecidos como masculino e feminino. Dito isso, a abordagem variacionista passa a considerar como importante o estudo em um recorte “sexo/gênero”, uma vez que compreende que homens e mulheres desempenham diferentes papéis sociais - os quais vão além dos binarismos sexuais e afetivos -, não se limitando questões de natureza biológica.

passada e o ouvinte entendeu o recado, mesmo com os desvios associados à gramática tradicional, a língua cumpriu a sua função de comunicação, tema esse que embasará as discussões da subseção seguinte.

2.3 Preconceito Linguístico no Ambiente Virtual

Na sociedade, a palavra “preconceito” é bastante disseminada em outros âmbitos, como o preconceito relacionado ao racismo estrutural, que inclusive, ganhou destaque com a versão do BBB⁵ 2024, em que a mídia digital, inclusive o *Instagram*, em algumas páginas, mostrou situações desconfortáveis sofridas por um dos participantes confinados na casa. Nesse sentido, existe também o preconceito religioso e de gênero. Dessa forma, vamos destacar a modalidade do preconceito linguístico, que é um ato em que acontece a discriminação por falar fora dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional, o qual quem comete não tem conhecimento da condição social e cultural do indivíduo. Deste modo, no Brasil, há uma grande diferença socioeconômica entre as pessoas, favorecendo essa prática entre as classes sociais que são as prestigiadas e as estigmatizadas, em que a classe desprestigiada é considerada de acordo com Bagno os “sem-língua”. Por isso, Bagno destaca que os indivíduos da referida classe

[t]ambém falam o português brasileiro, só que falam variedades linguísticas estigmatizadas, que não são reconhecidas como válidas, que são desprestigiadas, ridicularizadas, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes urbanos mais letrados- por isso podemos chamá-los de sem-língua. (Bagno, 2015, p.30)

Dessa maneira, Bagno (2015, p.26), vem mostrar que o mito da língua única prejudica os educandos, pois por muito tempo estudiosos se basearam na “unidade linguística do Brasil”, por isso

[e]sse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os mais de 200 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolaridade. (Bagno, 2015, p.26)

Sendo assim, a prática de preconceito linguístico também é bastante comum no ambiente escolar, onde muitos educandos são excluídos do convívio social por fazerem uso da variação linguística, sofrendo desrespeito por falarem fora do padrão. A escola é um ambiente em que há alunos de diversos lugares, culturas e etnias. Por isso, tem como função

[l]evar a pessoa a conhecer e dominar coisas que ela não sabe e, no caso específico da língua, conhecer e dominar antes de mais nada, a leitura e a escrita e, junto com elas, outras formas de falar e de escrever, outras variedades da língua, outros registros (Bagno, 2015, p. 35)

⁵ O Big Brother Brasil é um programa apresentado pela Rede Globo de Televisão, que tem como objetivo definir entre os finalistas um ganhador. A sua primeira versão no Brasil foi em 2001, mas surgiu na Holanda no ano de 1999 e espalhou-se por diversos países.

Em razão disso, é importante propiciar aos alunos o reconhecimento e o respeito à variação linguística, sabendo que não existe uma forma certa ou errada de falar. Considerando tal afirmação, Bagno destaca que

[n]inguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros por andar ou respirar. Só se erra aquilo que é aprendido, naquilo que é secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao dar um comando ao computador ao falar/escrever uma língua estrangeira, erra-se ao escrever, porque a escrita é um aprendizado secundário. (Bagno, 2015, p.177)

À vista disso, o preconceito linguístico, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (Brasil, 1998), é um problema social que pode afetar o desempenho do aluno, sabendo que o indivíduo precisa aprender as regras da gramática tradicional. Por isso, compreendemos que os preceitos estabelecidos pela referida gramática não precisam ser oferecidos aos alunos como se fossem a forma única e correta, apegada ao mito de uma “língua única”, uma vez que Bagno (2015, p.27) vai expor que “não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea”, ou seja, a língua vai apresentar variação em sua estrutura, como também no uso social.

À vista disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda habilidades de leitura/escuta que são importantes para que se possa, “discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica” (Brasil, 2018, p. 83). Diante disso, o educando vai ter conhecimentos em diversas áreas linguísticas, na qual ele vai saber agir como sujeito social, evitando desse modo a disseminação do preconceito linguístico. Nessa direção, a BNCC reforça em suas competências, que se os indivíduos compreenderem o que é variação e preconceito linguístico, poderão demonstrar uma “atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos”. (Brasil, 2018, p.87)

É importante salientar, que a propagação do preconceito linguístico acontece também em mídias de disseminação nacional, onde é menosprezado o jeito do nordestino. Sobre essa questão, Bagno que

[o] modo de como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente na rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso escárnio é o deboche dos demais personagens e do telespectador. (Bagno, 2007, p.41)

Portanto, o preconceito linguístico baseia-se apenas na gramática tradicional como o único uso correto, não levando em consideração os contextos dos indivíduos, apenas para menosprezar a classe desprestigiada com tal prática, forçando a forma em que os nordestinos falam, pois sabemos que na prática não é assim. Dessa forma, o mundo digital em alguns contextos favorecem a propagação do preconceito linguístico, principalmente, quando as mídias nacionais fazem referências ao falar nordestino. Sendo assim, na subseção seguinte abordaremos sobre a cultura digital, e como esse meio pode favorecer o preconceito linguístico.

O *Instagram* é uma das redes sociais mais usadas no mundo, facilitando a comunicação, a interação e as trocas de informações de uma maneira rápida e fácil.

No *instagram*, grande parte dos usuários, na maioria das vezes, escreve e fala de uma maneira coloquial, a qual também é definida como “*internetês*”, a exemplo dos termos “blz”, “bjaum”, “bjú” e “obg”, que trazem mais comodidade e agilidade na hora de se comunicar de forma escrita. Perante o exposto, Rajagopalan (2013, p.37) argumenta que “mais sensata compreender o *internetês* como algo sintomático dos tempos em que vivemos, marcados por uma série de características, como facilidade e rapidez da comunicação”, sendo a abreviação da escrita “padrão”, ou seja, é uma economia da língua no momento de escrever informalmente.

No que tange à questão supracitada, muitas vezes, esse espaço virtual acaba se tornando ambiente propício para ridicularizar o outro. Assim, um ambiente que poderia favorecer o entretenimento, acaba se tornando um espaço de busca por controle incessante da forma de escrever e falar do outro.

Diante disso, a BNCC traz competências para que os alunos possam ter domínio, tais como

[c]ompreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (Brasil, 2018, p.65)

Prosseguindo assim, os alunos com domínio dessa competência teriam conhecimentos sobre a variação linguística, tendo em vista que traz reflexão acerca das práticas sociais, e como pode também ter diferentes linguagens na comunicação, em que, “tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa”. (Brasil, 2018, p. 62). Desse modo, os educandos seriam pessoas com conhecimentos linguísticos e culturais, o que poderia favorecer a não disseminação do preconceito linguístico na rede social, que é tão comum nos dias atuais, pois existem pessoas com baixo grau de escolaridade que fazem uso desse meio digital, sofrendo ridicularização por não escreverem da maneira ortograficamente correta.

Portanto, o *Instagram*, que tem como função aproximar as pessoas e interagir, em alguns contextos, acaba exigindo uma inflexibilidade com a informalidade da língua, uma vez que a forma de escrever do outro termina sendo monitorada, não podendo usar uma linguagem informal. Logo, sabendo que as pessoas que utilizam essa linguagem são vistas, muitas vezes, como inferiores, que pertencem à classe menos favorecida e também que nunca tiveram acesso ao ambiente escolar, as redes sociais acabam se tornando uma forma de excluir o outro da sociedade, pois “não usar ou não saber usar a língua pautada nos preceitos do que seria padrão, é estar, de certa forma, fora da elite cultural e ser, quase sempre, rechaçado e vítima de preconceito linguístico” (Cavalcanti e Catanduba, 2014, p.5).

Nesta seção, foi abordado o embasamento teórico que foi utilizado para fundamentar esta pesquisa. Neste sentido, na próxima seção, trataremos sobre os procedimentos metodológicos.

3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, os percursos metodológicos utilizados para a análise de dados apresentam uma abordagem qualitativa. De acordo com Oliveira

et al. (2020, p.02), “na abordagem qualitativa, o pesquisador é parte integrante e ativa do processo de produção/elaboração do conhecimento, analisando e interpretando os dados obtidos, atribuindo-lhes um sentido contextualizado”. Além disso, a pesquisa se faz de caráter descritivo, seguindo a perspectiva do autor Gonsalves (2003, p.68) “não está interessado no porquê, nas fontes do fenômeno, preocupa-se em apresentar suas características”.

Seguindo essa abordagem qualitativa de caráter descritivo, utilizamos coleta e seleção de comentários em publicações de perfis da rede social *instagram*. Os referidos comentários fazem relação com postagens que apresentam algum desvio da gramática tradicional. Dessa forma, tais desvios favorecem comentários desnecessários, nos quais é possível visualizar a disseminação do preconceito linguístico utilizado como motivo de “chacota”.

3.1 Coleta de Dados

A coleta de dados consiste em comentários de postagens publicadas no *Instagram*. São perfis que integram o ensino da gramática tradicional, evidenciando também publicações que contêm desvios da referida norma. Os comentários causam desconforto por ridicularizar quem escreve errado, trazendo como consequência o preconceito linguístico.

Nessa direção, os perfis selecionados para as análises na rede social *Instagram* são 2 (duas) contas que serão nomeadas de Página 1 e Página 2, com o propósito de não identificá-las, por isso serão usados nomes fictícios. Perante o exposto, o primeiro perfil (Página 1) tem como propósito o ensino da gramática tradicional. Já o segundo perfil (Página 2) trata-se de um professor de Língua Portuguesa que cria conteúdo digital.

Até o momento da coleta de comentários nas postagens, a Página 1 continha 458 mil seguidores, no dia 13 de fevereiro de 2024. Vejamos:

Figura 1 - Imagem do Perfil da Página 1



Fonte: Rede social *Instagram*

Considerando principalmente os comentários contidos nas postagens, que é o foco principal desta pesquisa, foram escolhidas duas publicações e três comentários da página supracitada. A seleção das referidas publicações e comentários pelo fato de apresentarem as marcas de preconceito linguístico, as quais são foco de análise do presente estudo. A primeira postagem foi publicada no dia 05 de fevereiro de 2024, contendo 146 comentários, até o momento da coleta. A segunda postagem foi

publicada no dia 24 de fevereiro de 2024, e continha até o dia da coleta 46 comentários.

A segunda página a ser analisada, que denominamos como Página 2, pertence a um professor de Língua Portuguesa que cria conteúdo digital. No momento da coleta das postagens e comentários, a referida página continha 463 mil seguidores, no dia 09 de março de 2024. Vejamos:

Figura 2 - Imagem do Perfil da Página 2

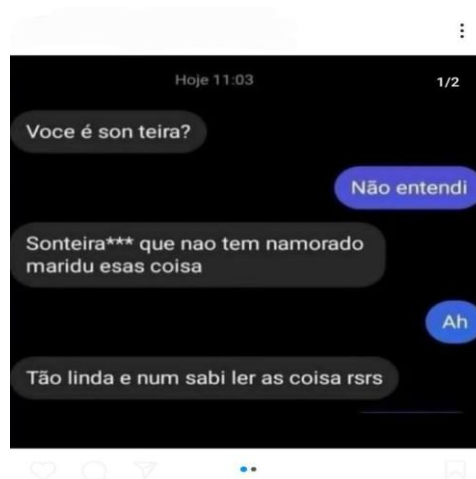


Visando analisar principalmente os comentários das postagens, para a análise de dados, foram escolhidas 2 postagens e 3 comentários de cada postagem supracitada. A primeira foi postada, em 9 de novembro de 2023, e tinha 120 comentários. A segunda sucedeu, em 07 de dezembro de 2023, e possuía 591 comentários. Logo, na próxima seção, serão feitas as análises e discussões dos comentários relacionados às referidas postagens.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, serão analisados os comentários provenientes de postagens apresentadas nas páginas mencionadas na seção anterior. Em síntese, a Figura 3 a seguir trata-se de uma postagem feita na Página 1, em que a dona da referida página tem como foco o ensino da gramática normativa. Vejamos:

Figura 3 - Imagem da Postagem da Página 1



Fonte: Rede social *Instagram*

Primeiramente, podemos observar a postagem publicada na rede social *Instagram*, que traz elementos que evidenciam ser um *print* de uma conversa no *direct* da referida rede social por trazer elementos de um bate-papo entre dois internautas. No diálogo compartilhado, denominaremos os interlocutores como Internauta 1 e Internauta 2, com o seguinte texto:

Internauta 1: Você é **son teira**?

Internauta 2: Não entendi

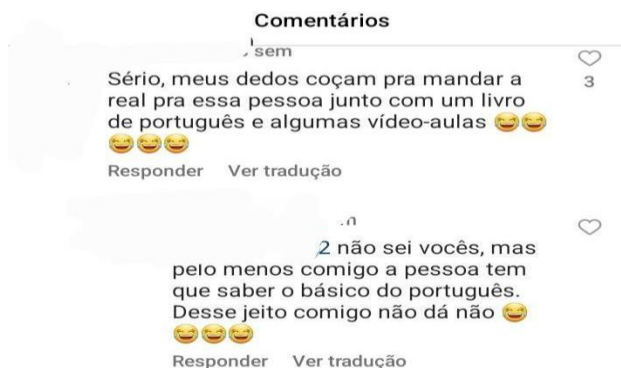
Internauta 1: **Sonteira***** que **nao** tem namorado **maridu esas** coisa rsrs

Internauta 2: Ah

Internauta 1: Tão linda e **num sabi** ler as **coisa** rsrs

Evidentemente, não se pode afirmar o motivo que levou o Internauta 1 a escrever fora dos padrões da ortografia. Como hipótese, sugere-se o grau de escolaridade. Dessa forma, as pessoas mais prestigiadas, estarão com o nível de escolaridade acima das classes menos favorecidas, o que poderá favorecer para aquelas menos desvios gramaticais quanto ao uso da escrita. Vejamos alguns comentários que surgiram a partir desta publicação.

Figura 4 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 1



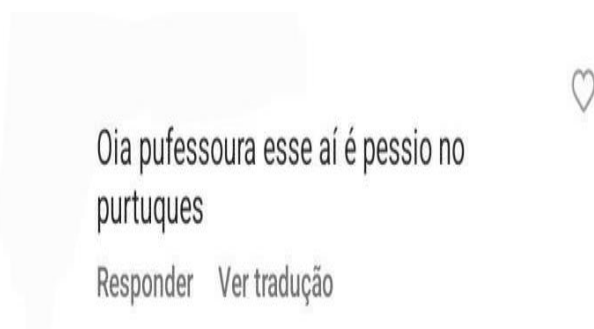
Fonte: Rede social *Instagram*

Ao se analisar a Figura 4, é notório que o usuário refere-se em “mandar a real” para a pessoa. A leitura que se pode fazer desse comentário é que a pessoa que o produziu não iria querer nenhum tipo de relacionamento pelo fato de a outra pessoa não escrever de acordo com a norma padrão. Também “iria mandar junto um livro de português e algumas vídeo-aulas”, para que a pessoa escrevesse de maneira “certa”, pois ela está atribuindo que a pessoa não tem conhecimento da gramática tradicional, por isso o livro de português. No entanto, é interessante observar que a mesma pessoa que critica a escrita da outra, usa o termo “pra”, ou seja, ela também está cometendo os desvios da “sagrada” gramática. É importante destacar também a ideia de língua pronta, estática, que varia nem muda, ao dizer que “os meus dedos coçam pra mandar a real pra essa pessoa junto com o livro de português”. É preciso conscientizar a população de que há formas não estigmatizadas, mas que também são consideradas como variação, como ocorre na escrita do referido comentário ao usar o “pra”.

Posto isso, o segundo comentário vem reforçar essa questão, “pelo menos comigo a pessoa tem que saber o básico do português”. Esse comentário em sentido mais amplo vem mostrar o quanto as pessoas ainda não conhecem o que é língua, focando apenas na gramática tradicional. Dessa maneira, Silva (2009, p.70) aborda na primeira concepção de linguagem como expressão de pensamento, em

que o ensino de língua portuguesa é mais focado na gramática tradicional, é como se a língua se resumisse apenas a esse domínio. Ou seja, para esse indivíduo que não conhece o que de fato é a língua, saber gramática tradicional é saber a própria língua. Dessa forma, uma acaba se esgotando na outra, como se a língua e a gramática tradicional fossem uma coisa só. Além disso, nesse segundo comentário há dupla negativa em “não dá não”, que também desvia das normas estabelecidas pela gramática tradicional. Em seguida, veremos mais comentários que seguirão essa perspectiva.

Figura 5 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 1



Fonte: Rede social *Instagram*

Ao se analisar a Figura 5, percebe-se o seguinte comentário: “Oia pufessoura esse aí é pessio no purtuques”. Pode-se considerar que a pessoa escreveu cometendo desvios ortográficos como uma forma de debochar do Internauta 1, por não seguir a gramática tradicional. Para as pessoas que não têm conhecimento especializado na área de linguagem, consideram como erro de português por não apresentarem entendimentos necessários sobre o conceito de língua e os fatores que desencadeiam o fenômeno da variação linguística, a exemplo, do grau de escolaridade e o nível socioeconômico, apresentados na subseção 2.2. A seguir, na Figura 6, serão analisados comentários de outra postagem.

Figura 6 - Imagem da Postagem da Página 1



Fonte: Rede social *Instagram*

Ao se analisar os comentários presentes na Figura 6, podemos observar que também é um *print* de uma conversa postada na rede social *Instagram*. No entanto,

a referida comunicação acontece no *WhatsApp*, ambiente que favorece usos mais informais da língua. Os interlocutores dessa conversa serão denominados como Internauta 3 e Internauta 4, apresentando o seguinte diálogo.

Internauta 3: Oi bom dia

Tu qe gosta dessas coiza de netifliques

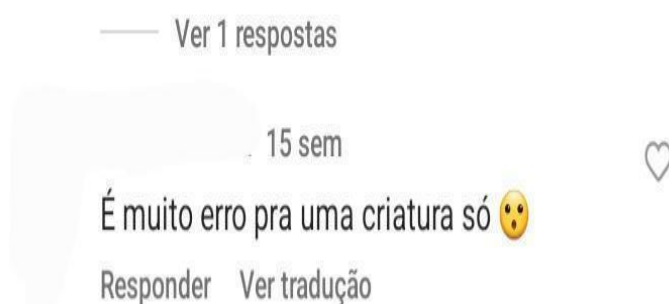
Mim indica uma cerie boa pra eu assistir

Internauta 4: Ensino fundamental

Tem 9 temporadas

Claramente, podemos observar que a Internauta 3, certamente, não é uma pessoa escolarizada, contribuindo para que escreva fora dos padrões da gramática tradicional. A seguir, na Figura 7, veremos os comentários atribuídos a essa postagem e faremos uma breve análise sobre eles.

Figura 7 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 1



Fonte: Rede social *Instagram*

No comentário presente na Figura 7, percebemos que a pessoa que comentou considera que “É muito erro pra uma criatura só”. Pensamos que não foi levado em consideração os fatores existentes que levam a pessoa escrever dessa forma. É interessante destacar que ele usa o termo “pra”, para desenvolver o seu discurso discriminatório. Esse termo é uma variação, podendo ser utilizada informalmente, ou seja, ambos os indivíduos, aquele que não domina a gramática tradicional e aquele que acredita dominá-la, estão cometendo desvios, mas não leva em consideração por ser um uso comum. Dessa forma, é válido destacar que alguns desvios da referida gramática são mais comuns à classe social desprestigiada, por isso são alvos de preconceito e ridicularização, configurando-se, na verdade, como preconceito social.

Ainda no que tange a essa análise, destacamos o uso do termo “criatura”, em uma possível tentativa de desumanizar aqueles que não se adequam ao padrão escolar visado pela sociedade prestigiada. Sendo assim, o internauta usa a forma como o outro indivíduo escreveu como motivo de deboche. Para Bagno (2015, p.174), “outro modo interessante de romper com o círculo vicioso de preconceito linguístico é revalidar a noção de erro”. As pessoas precisam entender a diferença entre erro de português e formas linguísticas inadequadas, bem como considerar que nem todos os indivíduos, infelizmente, tiveram o mesmo acesso escolar. No comentário seguinte, podemos observar que é possível que a pessoa tenha conhecimento da variação linguística.

Figura 8 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 1

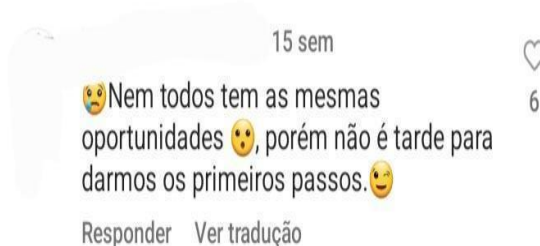


Fonte: Rede social *Instagram*

Ao se analisar a Figura 8, vemos que ele pergunta se isso “Será o dialecto brasileiro?”. Como foi citado anteriormente, esse comentarista talvez tenha conhecimento sobre o fenômeno da variação linguística, ou talvez já tenha presenciado o uso desse termo em algum momento de sua vida, pois ele faz uma pergunta e não afirma, parecendo configurar uma dúvida. Coelho *et al.* (2023, p.15) vem dizer que “dialeto e falar são sinônimos de variedades. É importante observar que dialeto, não corresponde a uma variedade “inferior ou estigmatizada da língua”, ou seja, é uma linguagem própria da pessoa inserida em um grupo social ou de determinada região.

O Brasil é um país extremamente desigual, e tal problemática está presente no imaginário da população, conforme pode ser visualizada no comentário da figura 9, a seguir.

Figura 9 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 1



Fonte: Rede social *Instagram*

Nesse contexto da Figura 9, no qual o comentarista diz “Nem todos tem as mesmas oportunidades”, isso é uma realidade do dia a dia das pessoas brasileiras, visto que há uma grande diferença socioeconômica entre as pessoas prestigiadas, as quais, em sua maioria, sempre tiveram um melhor acesso à educação. E, por outro lado, existem as pessoas estigmatizadas, as quais, em grande parte, são compostas por semianalfabetos e analfabetos ou tiveram acesso à educação de forma mais limitada, visto a necessidade de inserir-se no mercado de trabalho, em detrimento de continuar seus estudos.

Acerca disso, Bagno (2015, p. 28) aborda que o indivíduo estigmatizado, que não utiliza o português padrão, é tratado “como se ele não falasse língua nenhuma, como se sua bagagem linguística fosse “rudimentar” refletindo conseqüentemente a uma “inferioridade” mental”. A pessoa que fez o comentário ainda diz que, “porém, não é tarde para darmos os primeiros passos”. Na visão dessa pessoa, o indivíduo ainda poderia ir em busca de acesso a níveis de escolaridade mais altos, porém a desigualdade social ainda existe.

A seguir, na figura 10 será analisada a postagem da página 2 do professor que cria conteúdo digital. Vejamos:

Figura 10 - Imagem da Postagem da Página 2



Curtido por psicologodanielgiron e outras pessoas

Fonte: Rede social *Instagram*

Ao se analisar a Figura 10, observamos o seguinte texto “Água de Cocô 1,50”. Aqui, fica explícito que acontece um desvio ortográfico, o que faz com que o leitor possa entender de uma forma equivocada, mas ao se analisar os comentários dessa postagem, fica evidente que acontece o preconceito linguístico, pois consideram como erro de português e não como uma forma desviante da ortografia padrão. Mais uma vez, destaca-se o conhecimento comum, não especializado, colocando a língua e a gramática tradicional em um mesmo patamar, como se uma se esgotasse na outra. Ao se observar as características do cartaz, podemos constatar que se trata de um ambiente simples e que muitas vezes são pessoas que não tiveram acesso à educação escolar. Vejamos, a seguir, comentários colhidos a partir dessa postagem.

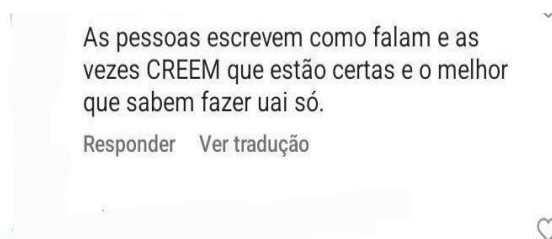
Figura 11 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 2



Fonte: Rede social *Instagram*

Na Figura 11, que apresenta comentários relacionados à postagem supracitada, percebemos a forma como a pessoa escreve cometendo desvios da gramática tradicional, na qual ele mesmo diz ironicamente que não entendeu o que digitou, usando o termo “vixi”, que pode expressar espanto ou ironia na maneira que ele escreveu anteriormente, referente à pessoa que escreveu de modo inadequado, no qual ele quis dizer que ninguém corrige o português. A seguir, veremos comentários que seguem a mesma linha.

Figura 12 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 2



Fonte: Rede social *Instagram*

Diante da Figura 12, podemos ver que o internauta afirma que “As pessoas escrevem como falam e as vezes CREEM que estão certas e o melhor que sabem fazer uai só.” A pessoa que escreveu o comentário está criticando a forma de escrever das pessoas, porém a mesma utiliza um uso linguístico que pertence ao dialeto mineiro, “uai”, da mesma forma que ela fala, cujo uso serve para complementar a justificativa na afirmação, o que pode significar “espanto” ou “surpresa”. Além disso, ela também comete desvios da gramática tradicional ao não colocar a crase no “às vezes” e o acento no verbo “é” em “e o melhor que sabem fazer”. As pessoas, na maioria das vezes, criticam a forma que o outro utiliza a escrita, por isso, querem sempre dirigir a ortografia entre “erro” e “erro de digitação”, mas cometem os mesmos desvios, os quais compõem o mesmo bojo da gramática tradicional. Os indivíduos marginalizados são os que sofrem preconceito linguístico quando cometem esses desvios, e isso acontece por não terem acesso à educação escolar como as pessoas da alta sociedade geralmente têm, embora hoje, há o ideal de “democratização do ensino”. Assim, o grau de escolaridade é um fator propício a causar o preconceito linguístico existente na sociedade, visto que alguns indivíduos não tiveram acesso à gramática tradicional. Mesmo assim, os referidos indivíduos não estão totalmente evoluídos nas práticas de letramento, conforme pode ser visualizado na Figura 13, a seguir.

Figura 13 - Imagem da Postagem da Página 2



Fonte: Rede social *Instagram*

A Figura 13 apresenta uma foto de uma faixa que está anunciando contratação, porém a pessoa que a elaborou cometeu um desvio ortográfico ao escrever “CURRICLO”. A foto dessa faixa foi postada na rede social *instagram*, do

professor que já está incentivando o preconceito linguístico, quando ele pede para os internautas achar o “erro”, na publicação tinha a seguinte frase “Se a pessoa que fez essa faixa arrumou o emprego, vc tbm consegue”, “Ache o erro”. Bagno (2015, p.175) salienta, que “[o] fato também de haver “erro” na placa não significa de forma nenhuma que os objetos ali vendidos sejam de qualidade inferior, “errados” ou “feios”, nem que a pessoa que escreveu a placa é ignorante ou “atrasada”. Na maioria das vezes, as pessoas que escrevem dessa maneira são vistas dessa forma como Bagno citou anteriormente, como pessoas “ignorantes”. Diante desta postagem, surgiram vários comentários, alguns abordando sobre o erro. Dessa forma, iremos analisar três comentários relacionados à referida postagem.

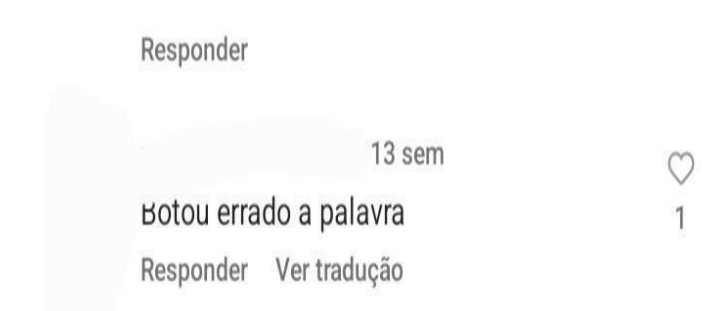
Figura 14 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 2



Fonte: Rede social *Instagram*

A Figura 14 traz um comentário em que a pessoa diz, “Eu cometo erro de português, mas não nesse nível”, com um *emoji* chorando de rir. Primeiramente, as pessoas sempre fazem referência a “erro de português”, nunca dizem desvios da ortografia ou da gramática, assim, considerando logo erro da língua. Bagno (2015, p.175) vem falar que “[a] tal ponto que uma elevada porcentagem do que se rotula de “erro de português” é, na verdade, mero desvio da ortografia oficial”. Isso acontece pelo fato de as pessoas escreverem da forma como falam, mas não pode ser considerado um “erro” de português como muitos citam. Bagno (2015, p.176), ainda vem abordar que “do ponto de vista científico, simplesmente não existe erro de português”, por isso nem mesmo o autor do comentário comete o erro de português como ele mesmo descreve, o que pode acontecer é o desvio da ortografia. Veremos que no próximo comentário, a pessoa também irá falar sobre “erro”.

Figura 15 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 2



Fonte: Rede social *Instagram*

Diante do que foi citado anteriormente, esse comentarista vem dizer que “Botou errado a palavra”, mais uma vez reforçando a questão do “erro” e não ao desvio da gramática tradicional. É importante frisar, que o comentarista diz que “Botou”, em que é um termo pertencente a um registro informal, visto que, de forma

geral, é utilizado em falas menos monitoradas, mas usa para reforçar o seu argumento e para marginalizar quem escreveu de maneira errada, de acordo com a escrita oficial. Dessa forma, Coelho *et al* (2023, p.65) discutem que “Com o falso argumento de que uma construção é, em si, “errada”, abre se espaço para que marginalizemos os falantes que fazem uso dessa construção”. Assim, a sociolinguística apresenta como uma de suas funções a quebra desse preceito de língua correta. A seguir, veremos uma forma de preconceito linguístico regional.

Figura 16 - Imagem de Comentários da Postagem da Página 2



Fonte: Rede social *Instagram*

Perante o exposto na Figura 16, podemos ver a forma como o internauta refere-se ao nordeste “isso é no nordeste só pode... nordeste meu amor”, e ainda com os *emojis* rindo como uma forma de representar algo engraçado. Tal indivíduo menciona o nordeste como se apenas nessa região as pessoas escrevessem fora dos padrões da gramática tradicional, já que ele enfatiza em seu comentário o “nordeste”. Dessa forma, favorecendo o preconceito linguístico, tendo em vista que a variação regional não é sobre a forma de cometer desvios gramaticais. Assim, Coelho *et al.* (2023, p.38) vêm ressaltar que a variação regional são “as marcas linguísticas que caracterizam a fala de uma região em relação a outra”, ou seja, serve para identificar de que região a pessoa é, mas as mídias em contrapartida distorcem a realidade focando muito no nordeste, principalmente em novelas, fazendo com que as pessoas acreditem que o nordeste é um ambiente no qual todos os indivíduos falam ou escrevem errado.

Por isso, favorecendo o preconceito social, o nordestino desenvolveu as grandes cidades do Sul com a sua mão de obra, que por muito tempo os trabalhadores saíram do seu lugar de origem para essas regiões em busca de uma suposta vida melhor. Portanto, o preconceito é social e não linguístico, por não existir nada na variação nordestina ou em qualquer outra que as faça inferior às demais variedades consideradas superiores, como as sudestinas, como a mídia tanto retrata.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disseminação contra o preconceito linguístico ainda não atinge altos patamares quando é comparada aos demais tipos de preconceitos sociais, tais como os religiosos, de raça, orientações sexuais etc. Na maioria das vezes, tal preconceito passa despercebido, mas causando danos às pessoas atingidas, pois tem consequências negativas, afetando, assim, a convivência social do indivíduo. Sabemos que não existe uma única forma de usar a língua correta na sociedade, e que a variação não se configura como erro, visto que ela tem um papel fundamental na identidade do indivíduo.

Assim, no decorrer deste trabalho, propomos analisar os comentários da rede social *Instagram*, com intuito de identificar ocorrências de preconceito linguístico. Desse modo, pudemos perceber o quanto a língua não é única, existindo diversas maneiras de falar e escrever de acordo com o contexto em que ela está inserida, bem como com a intenção dos indivíduos. Cada internauta tem sua opinião formada de acordo com o que eles consideram certo e errado no que tange aos usos linguísticos, por isso eles propagam suas opiniões para tentar afetar o outro, utilizando como base uma concepção equivocada da língua.

Ao longo desta pesquisa, pôde-se analisar a forma como é propagado esse preconceito linguístico através dos comentários a respeito das postagens feitas pelos perfis selecionados na rede social *instagram*. Deste modo, durante as análises, é notório que os comentaristas criticam a forma do outro escrever, mesmo sendo um ambiente informal e, em muitas situações, não é preciso estar monitorando a sua escrita.

Para tanto, foram analisados comentários de dois perfis diferentes na rede social *instagram*, com outros públicos, mas os resultados são semelhantes. A maioria se refere a erro de português, quando, na verdade, o que ocorre é erro ortográfico ou referente à gramática tradicional. Também é importante ressaltar que os mesmos usuários que fazem esses comentários preconceituosos utilizavam a variação linguística através das gírias e dos desvios gramaticais/ortográficos.

Logo, é possível apontar os possíveis resultados de como o preconceito linguístico é apresentado nos comentários, visto que à maioria deles é atribuída à fuga da gramática tradicional, associando-a a erros de português. Assim, os autores de tais comentários acabam valorizando a referida gramática como se esta devesse ser usada em qualquer contexto, independente de quaisquer situação/intenção comunicativa.

Ressaltamos, assim, que o preconceito social, que se atribui à forma que alguns internautas se referem, como em “mandar um livro de português”, como também “que a pessoa tem que saber o básico de português”, o jeito em que ela está se posicionando, caso a pessoa não saiba o básico do português, rejeitando algum tipo de relacionamento.

Por fim, evidenciamos a intolerância linguística, quando alguns internautas escrevem cometendo erros de forma propositada, afirmando, em seguida, que ele mesmo não entendeu o que escreveu.

Portanto, fica claro o preconceito linguístico disseminado pelos usuários da rede social *Instagram* através dos comentários analisados na presente pesquisa, associando os desvios encontrados a erros de português.

Desse modo, espera-se que esta pesquisa traga contribuições para um maior entendimento sobre a variação linguística, bem como proporcionar reflexões sobre o quanto a língua é variável, visto que é importante para que as pessoas tenham conhecimentos legítimos acerca dela. É relevante destacar também a necessidade do respeito mútuo, independentemente de como as pessoas se expressam, visto que a forma de se expressar linguisticamente nunca é aleatória, antes se dá mediante uma série de fatores, internos e externos aos indivíduos.

É lastimável considerar o quanto as redes sociais têm se tornado um ambiente fértil para esse tipo de propagação de preconceito, por isso, é importante refletir e discutir sobre tais práticas, a fim de que as pessoas não sintam vergonha de usar a sua própria língua, a qual é rica em virtude da gama de variedades que possui.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 56º ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Comum Curricular- BNCC.** Brasília, 2018.
BRASIL. PCN: **Parâmetros curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa-** Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2023.

CÓRDOVA, Juliana Ferraz. **Concepções de linguagem e produção de texto: uma análise de planos de ensino.** Foz do Iguaçu: sepecel, 2008.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo gramática.** [com] Esmeralda Vailati Negrão e Ana Lúcia Muller. São Paulo: Parábola, 2006. (Na ponta da língua; 15).

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação científica.** Campinas, São Paulo. Editora Alínea, 2003

LIMA, Francisca Erik Larisse Nogueira. **A variação linguística em sala de aula: mote para uma superação de preconceito linguístico.** 2019. Dissertação (Mestrado profissional em letras) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal 2019.

RAJAGOPALAN, K. Como o *Internetês* desafia a linguística, In: SHEPHERD, Tania G. SALÍÉS, Tânia G.(org.) **Linguística da Internet.** São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Leilane Ramos da. **Linguística aplicada ao ensino de língua materna.** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 11 ed. São Paulo: Cortez 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática 1º e 2º graus.** 5º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Sites consultados

CAVALCANTI, Marineuma de Oliveira Costa; CATANDUBA, Edilma Lucena. **Língua e preconceito: Quando o jeito de escrever nas redes sociais discrimina,** 2014. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/998.pdf>.> Acessado em, 20 de setembro de 2023

MARTINS, Alice. **Como Surgiu o Big Brother Brasil? Origem, História e Curiosidades**, 2024. Disponível em: <<https://bbb2023.com.br/como-surgiu-o-big-brother/>> Acessado em 09 de abril de 2024

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A, M. O.; CORDEIRO, E. M. SAAD, N. S. Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? In: **Cadernos da Fucamp**. UNIFUCAMP, v.19, n41, p.1-13 Monte Carmelo, MG, 2020. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2208>> Acessado em 04 de abril de 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, pela saúde, por ser meu sustento diário e sempre estar à frente de tudo ao longo da minha caminhada formativa, iluminando minha mente em momentos difíceis, dando-me fé e coragem para seguir em frente e nunca desistir.

À minha mãe Vitória e ao meu pai Rivaildo, por toda dedicação, paciência e confiança, por sempre me incentivarem e serem meu porto seguro. E aos meus irmãos Raí e Rayane. A vocês, todo o meu amor e minha gratidão.

Aos meus avós maternos Josefa (*in memoriam*), e José, e os paternos Luiz e Maria, por serem referência em minha vida, por sempre acreditarem em mim, e incentivarem a seguir e nunca desistir do caminho do senhor. A vocês todo carinho e amor.

Aos meus amigos, em especial a Juliana e Bruna, por sempre estarem presente em todos os momentos da minha vida, por sempre me aconselharem e apoiarem, A Izione Kézia e Fernanda por compartilharem momentos bons durante esses quatro anos. Vocês sempre estarão em meu coração.

À minha orientadora Dra. Anilda Costa Alves, pelo seu tempo, pelos ensinamentos e por sua constante ajuda e orientação para a conclusão deste trabalho. Obrigada por tudo e principalmente por acreditar em mim.

À minha amiga Joédna, a qual sempre fazia dupla comigo e que durante esses anos foi a minha grande parceria, dividindo comigo momentos felizes e tristes. E em todos os obstáculos estávamos sempre juntas segurando uma na mão da outra. Nunca me esquecerei de você.

À minha turma, por ter compartilhado sonhos durante esses anos de graduação, em especial Janekele e Natália, as quais faziam trabalhos acadêmicos comigo, e Flaviano que sempre vinha comigo da UEPB à noite. Obrigada por cada momento vivido.

À minha banca em nome de Danielle dos Santos Mendes Coppi e André Luiz Souza da Silva, por aceitarem compartilhar esse momento comigo. A vocês muito obrigada.

A todo corpo docente da Universidade Estadual da Paraíba, também a UEPB, por oferecer programas para o aperfeiçoamento profissional e pessoal de seus discentes, como o programa Residência Pedagógica o qual fiz parte, que é oferecido pela CAPES.

E, por fim, a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a minha formação acadêmica, minha eterna gratidão.